

ESTUDO DE PERCEÇÃO AMBIENTAL DO PARQUE ECOLÓGICO DE OURINHOS-SP¹

Luciene C. RISSO²

Resumo

O objetivo desse estudo foi realizar um estudo de percepção ambiental com visitantes do Parque Ecológico de Ourinhos, visando compreender os valores e os conhecimentos atribuídos a esta paisagem. Para isto, determinamos uma amostragem (731 pessoas) e elaboramos questionários para avaliação. Os resultados obtidos indicaram que esta paisagem é valorizada e que o parque é muito importante para a cidade. Desta forma, são merecidas políticas públicas e incentivos para a sua manutenção.

Palavras chave: Áreas protegidas. Percepção. Socioambientalismo.

Abstract

Study of environmental perception in the ecological park of Ourinhos - SP

The aim of this study was to carry out an study of environmental perception with visitors of the Ecological Park of Ourinhos, in order to understand the values and the knowledge assigned for this landscape. For this, we determined a sampling (731 people) and elaborated and questionnaire for this evaluation. The results obtained showed that this landscape is valued and that the park is very important to the city. Thus, public politics and incentives for its maintenance are deserved.

Key words: Protected areas. Perception. Social environmentalism.

¹ Pesquisa apoiada pela FAPESP. Processo 07/01152-8 (2007-2009).

² UNESP – Campus de Ourinhos SP. Profa.Dra. E-mail: Luciene@ourinhos.unesp.br

INTRODUÇÃO

As paisagens são decorrentes da interrelação entre Sociedade e Natureza. Ela é fruto da "ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural" (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p.7). No entanto, o tipo de relação estabelecida entre os espaços de vida e as sociedades não é igual, pois a depender do tipo de cultura, de percepção de um grupo, as atitudes perante as paisagens são ímpares.

Pelo fato da cidade de Ourinhos – SP, localizada no sudoeste do Estado de São Paulo, na latitude 22° 58' 28"S e longitude 49° 52' 19"W. Gr, apresentar um parque criado pelo município, houve o interesse de estudar a percepção ambiental do Parque Ecológico de Ourinhos – SP, por parte de seus visitantes para delinear estratégias de conservação e educação ambiental para a área.

O estudo de percepção ambiental é importante porque traz subsídios para o planejamento urbano já que mostra como a população visitante atribui valores ao mesmo. Isto é fundamental para a criação de políticas públicas do município, que pode traçar seu plano de ação (ambiental, social e econômica) a partir dos resultados desta pesquisa, além de avaliar a eficácia desta área protegida e propor ações e atividades conservacionistas.

Para isto, realizamos uma revisão bibliográfica do tema pautada na visão humanística que tem avançado na busca do entendimento do mundo por meio da compreensão de valores, simbologias, representações, percepções. Esta contribuição no Brasil foi iniciada pela professora Lívia de Oliveira da UNESP de Rio Claro (SP), através de suas leituras associadas à Geografia Humanista. Para a autora, em entrevista para RISSO (2007, p.5) a geografia humanista "é uma corrente que enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas. É uma preocupação com o lugar, com o cotidiano, com a percepção do meio ambiente e da conduta humana". Um clássico desta corrente foi o livro do geógrafo Y-Fu Tuan intitulado Topofilia (1980), traduzido por ela. Para Lívia de Oliveira (em entrevista para RISSO, 2007, p.5) os autores que mais se destacam no mundo nesta corrente são: Dardel (1990), Claval (1999), Tuan (1980), Relph (1976) Lowenthal (1961), Buttimer (1971). Nesta pesquisa utilizamos principalmente os conceitos de topofilia de Tuan (1980), Machado (1996) e Oliveira (2004).

Para atingir nosso objetivo principal de realizar um estudo de percepção ambiental com visitantes do Parque Ecológico de Ourinhos, visando compreender os valores e os conhecimentos atribuídos a esta paisagem, determinamos uma amostragem de 731 pessoas, divididos em grupos e elaboramos questionários para avaliação.

Desta forma, os resultados das informações qualitativas dos visitantes do parque propiciaram o estabelecimento das estratégias de conservação do parque ecológico de Ourinhos, fornecendo subsídios fundamentais para a gestão e o planejamento ambiental desta área protegida.

METODOLOGIA

Inicialmente definimos o tipo de amostra como a simples ao acaso, porque de maneira geral, havia uma homogeneidade do grupo estudado, com pouca variação no conjunto dos elementos. Como diz Rodrigues (2002, p.88) "todos os elementos terão a mesma probabilidade de serem sorteados para compor a amostra". Através de técnicas estatísticas, 384 visitantes já seria uma amostra confiável, mas como no período coletamos o dobro deste número, consideramos viável e com menor margem de erro.

Quanto à confiabilidade, utilizamos a fórmula de Cochran (1953, apud Maia e Romeiro, 2008). Dada uma confiança α , o erro de mensuração ε de uma amostra de tamanho n de uma população finita de tamanho N será dado por:

$$e = Z_{\alpha} \frac{\sigma}{\sqrt{n}} \sqrt{\frac{N-n}{N-1}}$$

Onde Z_{α} é o valor da tabela normal padronizada equivalente a α de probabilidade e o desvio padrão da variável em estudo. Como o valor de σ é, a priori, desconhecido, costuma-se adotar uma estimativa conservadora assumindo o valor máximo de σ para uma variável dicotômica (0,5). Dados os valores de N e n , foi possível simular o erro de estimação e a confiança das estimativas da amostra. O valor de N (população de 15.000 visitantes) foi obtido através de informação do diretor do parque.

Os cálculos:

$$(\sqrt{N})^2 = \frac{(Z_{\alpha} \sigma)^2}{e^2}$$

$$n = \frac{Z_{\alpha}^2 \sigma^2}{e^2}$$

$$n = \frac{(1,96)^2 \cdot (0,5)^2}{(0,05)^2}$$

$$n = 384,16$$

Como o número de questionários coletados foi de 731, se usarmos 95% de confiança, a margem de erro seria de apenas 3,5%.

$$e = Z_{\alpha} \frac{\sigma}{\sqrt{n}} \sqrt{\frac{N-n}{N-1}}$$

$$e = \frac{1,96 \cdot 0,5 \cdot \sqrt{15000 - 731}}{\sqrt{734} \cdot 14999}$$

$$e = 0,035357 = 3,5\%$$

A técnica utilizada nesta pesquisa para a coleta de dados primários foi a aplicação de questionários, uma vez que se pretendia obter informações específicas. No entanto, ora utilizamos questionamentos abertos, ora fechados ou estruturados. Isto dependeu do tipo de variável.

A confecção dos questionários foi dividida em três grupos: até 7 anos, 7 a 11 anos e a partir de 12 anos. Algumas questões foram adaptadas para estas faixas etárias para que as mesmas fossem respondidas de maneira correta. No entanto, houve maior complexidade nas questões para entrevistados a partir de 12 anos.

Os questionários foram aplicados aos visitantes do parque ecológico no período de Outubro a Dezembro de 2007. Para isto, contamos com dois bolsistas de treinamento técnico que aplicaram os mesmos, durante todos os dias, em horário comercial, inclusive aos finais de semana, em esquema de revezamento. Julga-se o período de coleta dos dados suficiente porque abrangeu todos os tipos de visitantes e permitiu uma amostragem mais que suficiente, com margem de erro pequena. Adotamos este procedimento uma vez que a

pesquisa tem tempo limitado para finalização, não permitindo um período mais amplo de coleta. Algumas ressalvas que podemos fazer é que durante a semana o grupo caracterizou-se principalmente de escolares, mas nos finais de semana, o público era bastante variado, o que permitiu abranger todos os tipos de visitantes.

Os dados dos 731 questionários foram tabulados e organizados em planilhas digitais através do software MS-Excel. As questões abertas foram padronizadas, com intuito de agrupar as respostas semelhantes, realizar correções ortográficas, e assim facilitar a criação de tabelas e gráficos. Diante da quantidade de questionários, esta etapa mostrou-se complexa, demandando tempo e apreço.

Anulamos algumas questões respondidas de forma equivocada. No entanto, de maneira geral, a organização está bem fiel à percepção da realidade estudada. Após esta fase, construímos tabelas e gráficos no *Excel* para facilitar o entendimento e análise da percepção dos visitantes.

Designamos algumas questões fundamentais norteadoras:

- 1) O parque é uma paisagem valorizada?
- 2) Quais os motivos para visitarem o parque?
- 3) Qual (s) a importância do parque para os entrevistados e para a cidade?
- 4) O que mais gostam no parque?
- 5) Conhecem seus recursos naturais?
- 6) Quais sugestões para melhoria do mesmo?

PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE

As pessoas percebem o mundo ao redor através dos órgãos dos sentidos e pela nossa cognição, que embora seja individual e seletiva (pois passa por filtros culturais e sociais) compartilha de percepções comuns, como membros da mesma espécie, como assegura Tuan (1980).

A percepção tem por base a cognição. Segundo Del Rio (1996, p.3) a percepção é um "processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos". Este processo resulta em diferentes representações, significados, percepções, ações e condutas.

Os filtros culturais são essenciais neste processo, já que selecionam as informações recebidas conferindo significados diferenciados. Como resultado, Tuan (1980, p.14) diz que "[...] não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos".

Mesmo em ambientes com condições geográficas similares, o modo como determina a sociedade se relaciona com seu ambiente pode ser diferenciado. Portanto, a adaptação do meio não é determinada somente pela Natureza, mas são formas criativas do processo de percepção ambiental (influenciado pela cultura) na transformação do meio ambiente.

Por outro lado, a criação de meio ambiente humano inspirou significados e sentimentos em relação aos lugares. Os lugares remetem sonhos, conforto, devoção. Tuan (1980, p.130) diz que "em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – como todo o significado afetivo da palavra".

Esta associação entre lugar e sentimento foi conceituada como topofilia, segundo Tuan (1980). Qual o papel do meio ambiente nesta associação? Os sentimentos experienciados com o meio ambiente podem ser essenciais nas causas da topofilia, todavia, segundo o autor, o meio ambiente "pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais" (TUAN, 1980, p.129).

Referente a estes sentimentos experienciados, Machado (1996) demonstra que para os moradores da serra do mar, esta área não é apenas um espaço, mas um lugar, imerso de valores e sentimentos em relação a esta paisagem. Já para os estudiosos e planejadores esta área é vista apenas como espaço ou paisagem, sob a ênfase conceitual:

Em outra passagem, Tuan (1980, p.107) ressalta que a topofilia deve ser definida em seu sentido amplo, "incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural". E continua que a resposta pode ser basicamente estética, tátil e sentimental – que para ele são difíceis de expressar como o sentimento pelo lar, "o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida".

Há lugares que atraem até hoje as pessoas porque evocam sentimentos relacionados com sensações de abrigo e amparo.

No caso do ambiente de floresta tropical, os homínídeos emergiram deste meio, provendo recursos para suprir as necessidades materiais e espirituais, atuando como "um ventre materno, morno e nutritivo", que continua "atraindo o homem moderno, que sonha com um retiro" (TUAN, 1980, p.131).

Outro ambiente atraente é o vale ou bacia fluvial. Este ambiente permite acesso à água, à solos férteis e comunicação. "É identificado simbolicamente com útero e com refúgio. A sua concavidade protege e nutre a vida" (TUAN, 1980, p.135). Além disto, "os cumes das montanhas e outras saliências são escadas para o céu, o lar dos deuses" (TUAN, 1980, p.135).

Entretanto, a vida cada vez mais urbana fez com que o contato físico com o meio ambiente natural seja bem limitado. Atualmente, o tipo de envolvimento nas paisagens contemplativas é indireto, muitas vezes recreacional e turístico.

Desta forma, os estudos de percepção do meio ambiente são essenciais para vermos como as sociedades tomam suas decisões perante a Natureza. Estes estudos podem também servir como base para planejamentos ambientais e formulação de políticas públicas, ao analisar a percepção de determinado público-alvo sobre alguma temática envolvida com o meio ambiente.

A partir destas informações, as possibilidades de projetos e políticas serem mais eficientes tem maior probabilidade, justamente porque serão adequados à realidade. Sobre isto, o programa do MAB (programa intergovernamental da UNESCO sobre Homem e Biosfera) incentiva e considera essencial ouvir as populações e suas concepções ambientais uma vez que podem subsidiar ações e políticas.

RESULTADOS

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os questionários foram divididos em três grupos de acordo com a faixa etária (Figura 1). A maior parte dos visitantes é provinda da própria cidade de Ourinhos (Figura 2), no entanto, quanto a frequência de visitação, o grupo de até 7 anos, visita o parque com a escola (Figura 5), e no grupo de 7 a 11 anos, 43,39% disseram que foram pela primeira vez e 29,71% que era a segunda visita no parque (Figura 6). Este mesmo fato se repetiu no questionário a partir de 12 anos, porém com índices diferentes (Figura 7). Isto acontece com os bairros mais distantes e carentes da cidade que necessitam de um incentivo maior da prefeitura para a obtenção de ônibus para as escolas municipais e estaduais, pois a visitação no período pesquisado foi principalmente de escolas próximas ao mesmo.

Quanto a escolaridade, no questionário de 7 a 11 anos, destaca-se a terceira série (Figura 3), e no grupo de mais de 12 anos, a escolaridade diagnosticada foi de superior incompleto, completo e ensino médio (Figura 4).

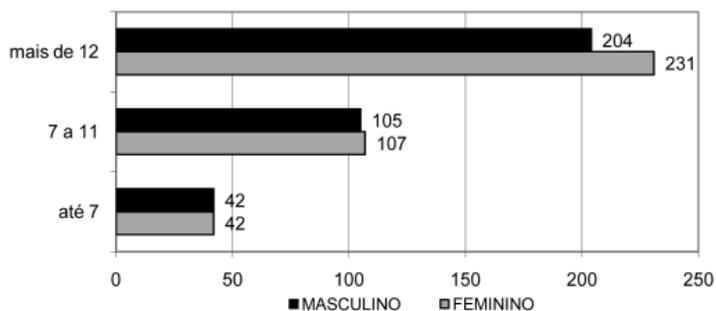


Figura 1 - Total de pessoas entrevistadas divididas pelas 3 faixas etárias e sexo – Parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

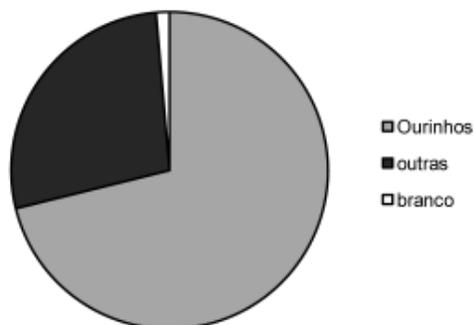


Figura 2 – Total de visitantes de Ourinhos e outras cidades, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

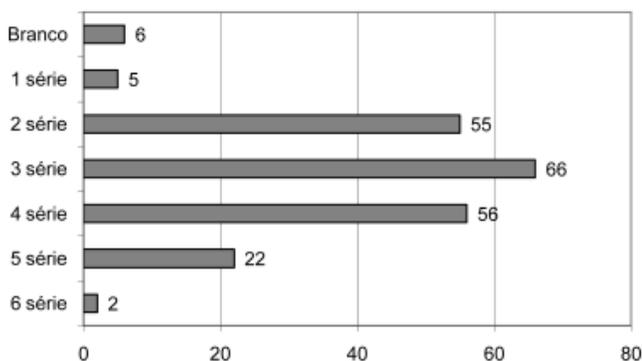


Figura 3 – Escolaridade dos visitantes (7 a 11 anos) do parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

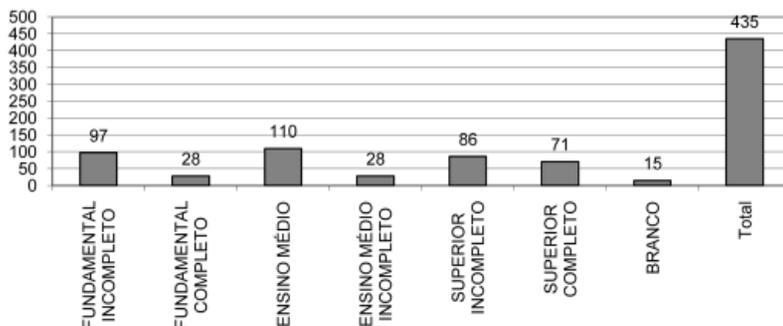


Figura 4 – Escolaridade de visitantes (mais de 12 anos) do parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

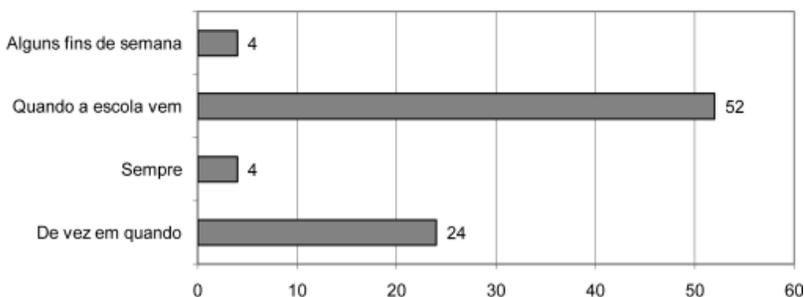


Figura 5– Frequência dos visitantes com até 7 anos no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

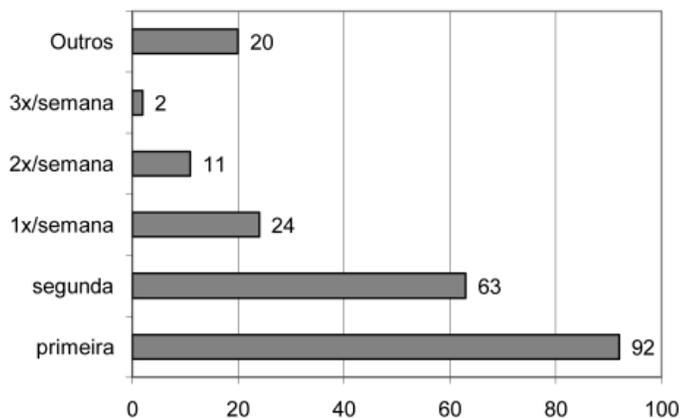


Figura 6 – Frequência de visitação (7 a 11 anos) no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

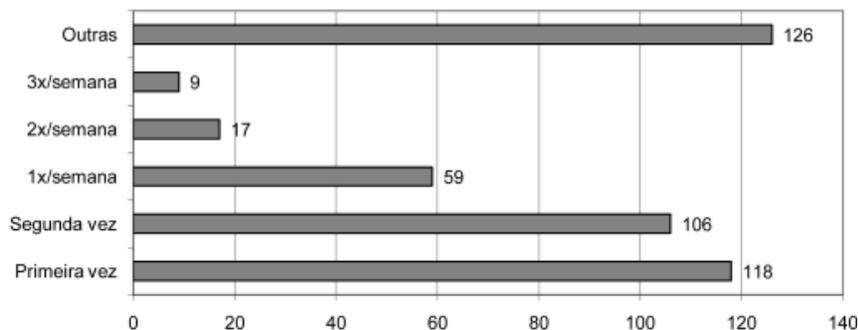


Figura 7 – Frequência de visitação (12 anos em diante) no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES DO PARQUE ECOLÓGICO DE OURINHOS

Os motivos da visitação no parque foram por lazer, beleza e educação (Figura 8). Mesmo que o tipo de envolvimento nas paisagens contemplativas seja indireto, muitas vezes recreacional e turístico, ela perdura segundo Tuan (1980) “além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica”.

Quanto a beleza, Tuan (1980, p.108) revela que as mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecida; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem.

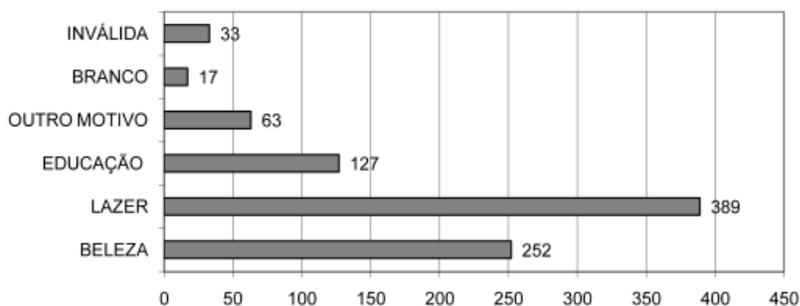


Figura 8 – Motivos da visitação no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007. Respostas múltiplas

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

Especificamente no questionário a partir de 12 anos, 67% dos entrevistados sabem o que é um parque ecológico. Para estes, trata-se de uma área de preservação/conservação ambiental e um lugar/local com fauna e flora. Estas idéias se assemelharam bastante da concepção de um parque ecológico. Ainda neste grupo, 89, 65% gostam de fazer as trilhas

e ao perguntarmos sobre os motivos/sentimentos que possuem ao fazerem a trilha, 16% relataram que se sentiam bem e que ela acalma. Vale dizer que esta questão teve grande número de respostas em branco, e respostas bem diversificadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Motivos de gostarem de fazer a trilha

PORQUE	nº	%
ACALMA E ENERGIZA	1	0,22
ATIVIDADE FÍSICA	51	11,72
BRANCO	96	22,06
ESTUDAR/CONHECER	19	4,36
INDISPOSIÇÃO/PREGUIÇA	9	2,06
INVÁLIDA	19	4,36
NAMORAR	1	0,22
OBSERVAÇÃO/ADMIRAÇÃO DA NATUREZA	42	9,65
OUTROS	38	8,73
PARA OBSERVAR A NATUREZA	1	0,22
PASSEAR/DISTRAIR	30	6,89
PERIGOSO	1	0,22
POR TER UM CONTATO COM A NATUREZA	1	0,22
POR CAUSA DO AR PURO	11	2,52
PORQUE ELA É FÁCIL (DE ANDAR)	4	0,91
PROXIMIDADE COM A FAUNA	5	1,14
PROXIMIDADE COM A MATA/ FLORA	5	1,14
PROXIMIDADE COM A NATUREZA	28	6,43
SENTE-SE BEM, ACALMA	71	16,32
SUBIDA	1	0,22
SEM TEMPO	1	0,22
TOTAL DE RESPOSTAS	435	100

Sobre o que mais gostam no parque, a observação da fauna ficou em primeiro lugar para todas as faixas etárias (Figura 9).

Aqui observamos uma preponderância de atratividade pela fauna, que se explica por diversas razões. Diante das motivações de conservação da Natureza, a educação formal é um veículo importante para a ampliação dos conhecimentos científicos sobre a necessidade de se conservar o acervo genético dos organismos selvagens, para assegurar a variabilidade genética e a necessidade de se poder estudar o comportamento de animais no meio natural (SIMMONS, 1982, p.69).

Além disto, a atratividade pela fauna, em especial pelos macacos, pode ser explicada porque "são carismáticos, atraentes e possuem grande apelo junto ao público, especialmente por suas características sociais e sua forte semelhança com a espécie humana" (SANTOS ET al, 2004, 152). E diz ainda que o "fato das pessoas se identificarem antropomorficamente com estes animais (MEYER, 1988; RAMBALDI, 2002, apud SANTOS ET al, 2004, p.152) torna o grupo ainda mais interessante do ponto de vista da conservação".

Como as populações urbanas têm procurado visitar muitos zoológicos, o parque ecológico tem uma vantagem destes animais estarem livre no ambiente, o que atrai muito mais os visitantes.

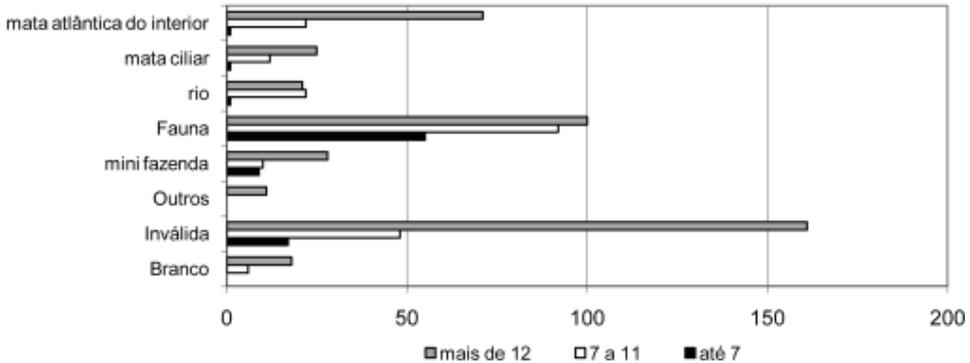


Figura 9- O que mais gosta no parque ecológico?

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

Comparando os três questionários sobre os três lugares mais bonitos em Ourinhos, com o fim de descobrir se o parque era realmente uma área valorizada e qual seu "ranking", comprovamos que o parque foi o lugar mais citado em primeira opção em todas as idades (Figura 10).

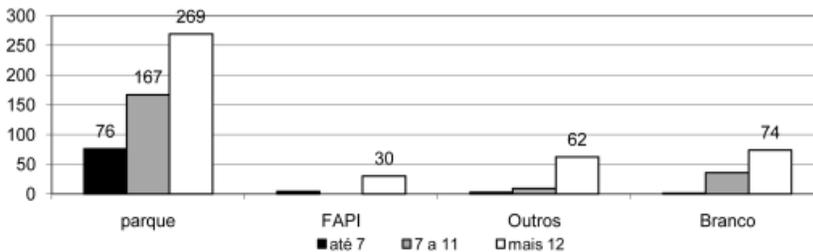


Figura 10 – Três lugares mais bonitos de Ourinhos em primeira opção, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

A importância do parque para os entrevistados e para a cidade é devido a preservação/conservação (na opinião de 7 a 11 anos) (Figura 11) e porque é um local de lazer/passeio na opinião de 12 anos e mais (Figura 12). Esta diferença nítida de importância pode ser explicada pelo fato de que os entrevistados de 7 a 11 anos recebem mais conhecimentos ao fazerem as trilhas monitoradas e por isto uma visão mais científica.

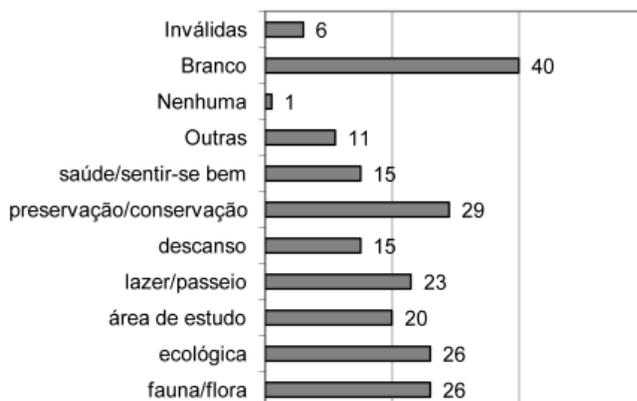


Figura 11 - Importância do parque ecológico de Ourinhos. 7 a 11 anos

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

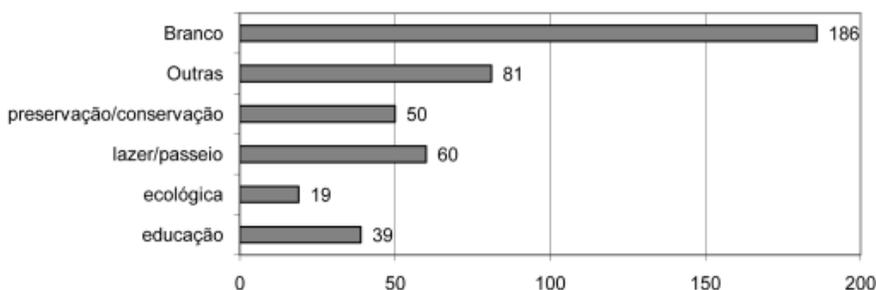


Figura 12- Importância do parque ecológico de Ourinhos. A partir de 12 anos

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

Quanto a idéia dos recursos naturais presentes no parque, 72,64% dos entrevistados (maior que 12 anos) disseram que não sabem o nome do rio/córrego que passa pelo parque. Isto denota o pouco conhecimento dos visitantes, sendo que a maioria é moradora da própria cidade, e não sabem que este córrego é um importante afluente do rio Paranapanema. Já o conhecimento da mata atlântica do interior (floresta estacional semidecidual), os dois grupos – de 7 a 11 anos e maior que 12 conheciam esta designação. Todavia, no de 7 a 11 anos 55,66% conheciam, mas no de 12 anos em diante, 48,73% conheciam e 45,51% não.

Outra questão comparativa refere-se ao que deveria melhorar no parque. Houve diferenças significativas nos três questionários. Na opinião de 50% das pessoas até 7 anos, deveria haver mais animais no parque. O que chamou a atenção é que 25% deste grupo gostariam da implantação de animais exóticos da África, com uma idéia de criação de zoológico na área. De 7 a 11 anos, 30,66% deixaram esta questão em branco e 24,52% disseram que não precisa mudar nada no parque. Na opinião de 12 anos em diante, 20,91% pensam que poderia haver melhora na infra-estrutura do parque, como limpeza nas trilhas, cestos de lixo recicláveis, brinquedos de madeira para as crianças, espaço para convívio social com bancos, centros de exposição artístico-culturais e hortas comunitárias (Figuras 13, 14 e tabela 2).

Sobre os sujeitos de até 7 anos, os zoológicos estão entre as atrações mais difundidas para a observação da fauna e por este motivo, o imaginário das crianças é forte neste sentido. Daí a necessidade de incentivar programas educativos que conscientizem que em áreas protegidas o ideal é substituir esta idéia pela observação da fauna em seu estado natural.

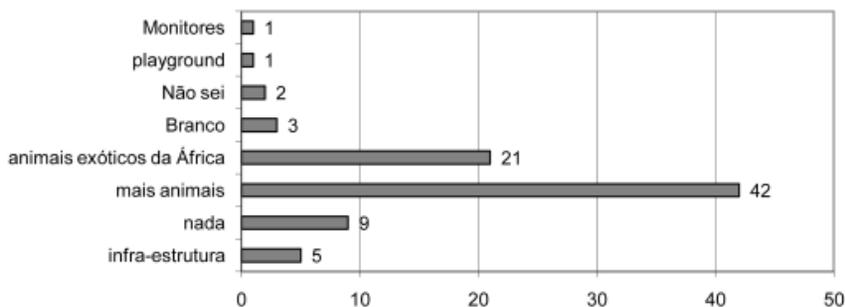


Figura 13 – O que deveria melhorar no parque? Opiniões de visitantes até 7 anos no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

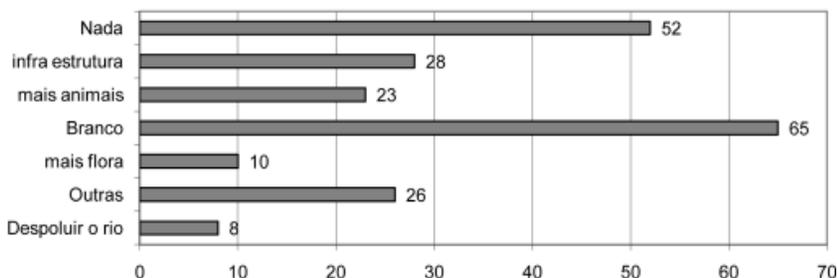


Figura 14- O que deveria melhorar no parque ecológico na opinião de visitantes de 7 a 11 anos no parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Fonte: Trabalho de campo – 2007. Org: Luciene Cristina Risso.

Tabela 2 - Opiniões (12 anos em diante) de como melhorar o parque ecológico de Ourinhos, SP, 2007

Criar atividades de EA e ecoturismo	12
Criar um zoológico	2
Divulgação	5
Infra-estrutura	91
Mais animais	56
Mais árvores	7
Melhorar a educação ambiental, criar um lugar	6
Melhorar-despoluir o rio	12
Monitores guias	10
Nada	61
Outros	46
branco	127
total	435

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O parque ecológico de Ourinhos é de uso indireto, o que nos instigou mais ainda compreender estes vínculos, pois o envolvimento somente por lazer e turismo, como diz Tuan (1980) é efêmero, já que os elos afetivos são mais profundos quando associados a lugares de memória, fatos marcantes, etc. Todavia, Tuan (1980) diz que quando se combina prazer estético com curiosidade científica este envolvimento se aprofunda. Percebemos no nosso caso, que esta paisagem é uma das causas da topofilia, já que o parque ecológico foi contemplado como o **lugar** mais bonito de Ourinhos e um lugar valorizado pois ele é um lugar que deve ser preservado e um lugar de lazer. Assim, esta paisagem permite o estabelecimento de sentimentos e ações perante a conservação ambiental.

Desta forma, é importante que os parques tenham trabalhos de educação ambiental, monitoria em trilhas para permitirem um contato além do efêmero. As trilhas além de visarem aspectos educativos, também podem criar outros sentimentos, como diagnosticamos na pesquisa que se sentiam bem nas trilhas e a proximidade com a Natureza.

As categorias topofílicas mais citadas relacionaram-se aos aspectos naturais e estéticos do parque, como por exemplo, na questão sobre o que mais gostam no parque, o destaque foi a fauna (macacos) em todos os grupos entrevistados. Os visitantes também apreciam a beleza cênica do parque – a mata, o contato direto através das trilhas interpretativas, que resulta em lazer e em educação.

Ressalta-se a importância de manter estas áreas protegidas tanto para a preservação/conservação biológica como um meio intermediador para o trilhar de novas percepções e atitudes perante o meio ambiente. **Transformando-se em lugares**, não simplesmente **espaços**.

REFERÊNCIAS

- BUTTIMER, A. **Society and milieu in the french geographical tradition**. Chicago: AAG, 1971.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUSC, 1999.
- CORREA, R.L. ; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- DARDEL, E. **L'homme et la terre, nature de la réalité géographique**. 2.ed.Paris: Ed. Du CTHS, 1990.
- DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real, percepção e revitalização da área portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L.(Org.). **Percepção ambiental: a experiência Brasileira**.São Paulo: Studio Nobel; Editora da universidade Federal de São Carlos, 1996, p.3-22.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L.(Org.). **Percepção ambiental: a experiência Brasileira**.São Paulo: Studio Nobel; Editora da universidade Federal de São Carlos, 1996.
- LOWENTHAL, D. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.
- MACHADO, Lucy M. C. P. Paisagem Valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: Del Rio, Vicente; Oliveira, Livia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos/SP: UFScar, 1996, pp. 97-120.
- MAIA, A.G.; ROMEIRO, A.R. Validade e confiabilidade do método de custo de viagem: um estudo aplicado ao parque nacional da Serra Geral. Revista **Economia Aplicada**. São Paulo, v.12, n.1, p.1-21, janeiro-março, 2008.

OLIVEIRA, L. de Os estudos de percepção do meio ambiente no Brasil. **OLAM -Ciência & Tecnologia**.v.4, n.1, p. 22-26, 2004.

RELPH, R. **Place and Placelessness**. Londres, Pion, 1976.

RISSE, L.C. Entrevista com a professora Lívia de Oliveira. Ourinhos: **Revista Geografia e Pesquisa**, v. 1, n. 1, jul/dez, 2007.

RODRIGUES, P.C. **Bioestatística**. 3 ed. Niterói: EdUFF, 2002.

SANTOS, F. C.; MOURTHÉ, I. M.C.; BARBOSA, P.M.M. Levantamento preliminar da concepção de jovens sobre a conservação de primatas da mata atlântica em duas instituições não formais de ensino. **Ensaio**, v. 6, n. 2, Dez. 2004, p.151-160.

SIMMONS, I.G. **Ecología de los recursos naturales**. Barcelona: Ed.Omega, 1982.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Submetido em setembro de 2010

Aceito em outubro 2010